

Malan prevê crescimento menor

Edu Garcia/AE



Malan: medidas de restrição ao consumo são desnecessárias

Para o ministro, alta de 7% do PIB no trimestre passado não deve se repetir por acomodação do mercado

DENISE NEUMANN

O crescimento de 7% do Produto Interno Bruto (PIB) observado no terceiro trimestre em comparação com o mesmo período do ano passado não terá sustentação nos próximos meses, segundo o ministro da Fazenda, Pedro Malan. Segundo o ministro, além de este crescimento estar influenciado pelo fraco desempenho do terceiro trimestre de 1995, a equipe econômica conta com "uma acomodação natural do consumo".

Malan afirmou que o déficit de US\$ 1,3 bilhão na balança comercial de outubro não é uma tendência e as importações de novembro serão inferiores aos US\$ 5,49 bilhões registrados no mês passado.

O ministro disse, ontem, que não crê na necessidade de adotar medidas de restrição à demanda. "Esse nível de crescimento não terá sustentação, até porque a população e as instituições financeiras aprenderam com a experiência passada", acrescentou, referindo-se aos altos índices de inadimplência observados no segundo trimestre de 1995.

A economia cresceu 3,6% entre o segundo e o terceiro trimestre e 2,4% no acumulado até setembro, na comparação com o mesmo período de 1995, informou. Malan usou essas taxas menores de crescimento para justificar que a taxa de 7% não será sustentada nos próximos meses. "Para o ano que vem, a taxa de crescimento do PIB deve ficar entre 4% e 5%", disse.

Para a inflação, Malan recorreu às projeções de institutos e departamentos econômicos de bancos para mostrar que a expectativa é de um índice "entre 7% e 10%, com média de 8% no ano".

O ministro da Fazenda disse que o déficit de US\$ 1,2 bilhão na balança comercial ficou acima das expectativas do governo, que esperava exportações maiores e importações menores que as registradas no mês passado.

Na palestra que fez a executivos das câmaras americanas de toda a América Latina, o ministro disse que a balança comercial dos próximos quatro meses vai mostrar que o dado de outubro não é uma tendência. Disse, ainda, que este ano o comércio bilateral do Brasil vai ultrapassar, pela primeira vez, US\$ 100 bilhões.

O governo está convencido, afirmou, que as exportações brasileiras vão reagir por conta de mecanismos já adotados ou em estudo. Citou como exemplo a isenção do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviço (ICMS) na exportação de produtos primários e semi-elaborados e a volta do seguro de crédito à exportação.

Além disso, até o final do ano, deve entrar em funcionamento a linha de crédito do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) que vai financiar as exportações brasileiras. Os detalhes estão sendo reestudados, segundo o ministro. Essa linha vai financiar o importador de produtos brasileiros no Exterior e não mais os exportadores brasileiros.

ESPERADA QUEDA DAS IMPORTAÇÕES ESTE MÊS

Fiscal — Em palestra no encontro das câmaras americanas, Malan disse que o grande desafio para a consolidação do Plano Real é o déficit público, aí considerando as contas das estatais, da Previdência Social, de Estados e municípios e do próprio governo federal.

O ministro voltou a defender a tese de que inflação baixa e crescimento sustentado são compatíveis. O déficit público de 1996 será inferior ao do ano passado (que foi 5% do PIB) e o de 1997 ficará abaixo do deste ano, na expectativa de Malan.